

Letrário**editora*

A gruta
Mara Vicente

Agosto 2008



O sol estava algures escondido, talvez por detrás de uma das gigantes montanhas que cercavam a pequena aldeia de Vilarinho, situada num vale. Poucas eram as vezes em que o sol se dispunha a abraçar a gente que o adorava, que suplicava de manhã à noite por um pouco de calor, um pouco de bronzeado, um pouco de luz, um pouco de harmonia, um pouco de Primavera ou até de Verão.

Ninguém ali vira alguma vez o mar, ninguém ali comera peixe e muito menos pudera desfrutar do agridoce da maresia. Sereias, tubarões ou até mesmo os adoráveis golfinhos passavam-lhes despercebidos, entre tanta galinha, veado, porco, boi, vaca, cabra, e tantos outros. A água era um bem, vindo das íngremes montanhas; era preciosa, cristalina e por vezes malcheirosa. Os mais velhos diziam que a culpa era das crianças que não hesitavam no pedido de brincadeira, perigosa ou maldosa, diziam: “Herculano vê tudo! Quando uma asneira fizeres, ele levar-te-á para a sua caverna molhada e sombria e nunca mais verás verde ou cinzento, o negro cobrirá o teu corpo e a tua alma. Quando concretizado, apenas uma luz te disponibilizará a sua ajuda, e não será a do céu”. Mas elas sabiam que não passava de mais uma daquelas histórias cujo único objectivo era atormentar-lhes o sono. Na verdade, todos diziam isso, mas eram poucos os que realmente não o temiam. Um deles era Paulo, magro como um palito, mais pequeno que um pé de feijão, mas forte como o sobreiro mais velho da aldeia, que apesar das guerras e epidemias continuava rijo como pedra.

Certo dia, os seus amigos propuseram-lhe fazer uma aposta, ele aceitou sem pensar duas vezes. “É fácil! Estarei no Pelourinho às duas da tarde de quinta-feira; em três dias, estarei de volta, com uma pedra dessa caverna ou eu não me chamo Paulo!”. Ao terminar o discurso, partiu para norte onde reinava a mais alta de todas as montanhas, onde estaria a caverna. Caminhou durante horas sem parar, desviou ramos maiores que ele, partiu galhos caídos no chão, tropeçou numa pedra, nadou de uma ponta a outra de um riacho, saltou entre

pedras, andou devagar onde nem ele tinha espaço para passar, correu esperando não ser apanhado por uma fera, até que, no fim da tarde do segundo dia, uma pequena entrada lhe surgiu a alguns metros da vista. Correu até já não ser pequena mas sim grande, vislumbrou o trabalhado que adornava a sua entrada. De um lado, figuras horríveis e assustadoras exibiam os seus dentes, de outro, flores e anjos brilhavam.

A cada passo que dava na gruta, tornava-se cada vez mais difícil ver fosse o que fosse.

Minutos, horas, dias, meses se passaram. Perdido na imensidão da gruta, Paulo não desistiu; sem largar uma lágrima ou súplica continuou, até que uma voz o chamou.

– Porque é que não desistes, criança?

– De que me adianta sentar-me e chorar até as lágrimas se terem ido?

– O mais bravo dos homens já cedeu nesta gruta, e tu, uma simples criança, não cedes porquê? Não percebo.

– Um homem não se mede aos palmos, pela idade e muito menos pelas vidas que já roubou. – Disse indignado.

Um breve silêncio pairou no ambiente húmido e seco da gruta, até que a voz voltou a interrompê-lo.

– Se me pudesses pedir o mundo, o que pedirias?

– Podes-me mostrar o mar, antes de me comeres?

– Ó meu querido, eu até te ofereço o mar!

Fim

Mara Vicente nasceu a 31 de Janeiro de 1992, em Portimão, no Algarve.

Letrário**editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letreiro.pt/1_pt/900/9001.htm

+ 351 21 711 20 20

letreiro@letreiro.pt